



Além de alimentarem a família com o que plantam, Sofia Carvalho e Rômulo Araújo, no Sítio Raiz, no Lago Oeste, vendem seus produtos em feiras locais

ED ALVES/CB/D.A.Press

POR DENTRO DA AGROECOLOGIA

Segundo a pesquisadora e professora Flaviane Canavesi, a agroecologia é um campo científico que estuda e sistematiza agriculturas de base sustentável. Tem um viés social e político, na medida em que determina as categorias da agricultura familiar, incluindo povos e comunidades tradicionais, como quebradeiras de coco babaçu, comunidades de fundos de pasto, quilombolas, entre outros. Os benefícios da prática englobam a melhoria da alimentação, a garantia da segurança alimentar e nutricional e o impacto positivo sobre a saúde pública. Há, ainda, a diversidade de identidades e de sistemas produtivos.

e seus filhos. “Percebemos o quanto a agricultura familiar, em um país como o Brasil, está à margem do capital. É necessário se movimentar e produzir conhecimento relevante para transformar tal realidade, para que esses agricultores possam ter qualidade de vida e construir um legado que seja enriquecedor, do ponto de vista do ecossistema e da vida humana”, explica Sofia, que é agroecóloga, produtora e extensionista rural.

No Sítio Raiz, há dois sistemas produtivos distintos, um focado em culturas de ciclo curto e anual e outro, em culturas perenes, em que colhem-se, principalmente, bananas, café e abacates. No primeiro modelo, são priorizadas plantações de raízes, como batata inglesa, cenoura, mandioca e inhame, dado que exigem menos insumos. Isso não restringe, porém, a colheita de demais plantas, que garantem comida diversificada para a clientela e para o próprio prato. No segundo modelo, as plantações em maior densidade são do café arábica, que tolera bem as condições climáticas e de solo do cerrado, em especial se cultivadas em ambientes florestais, como fazem.

No período de seca, bastante conhecido pelo brasileiro, os produtores se valem de técnicas para consorciar e adensar as plantas no canteiro, como cobrir o solo com matéria orgânica, fazer barreiras de vento, e, em alguns contextos, utilizar irrigação por gotejamento, práticas que demandam menos água do que aquelas feitas em produções convencionais. Para o cultivo de hortaliças, é um momento bastante frutífero. No geral, a constante dinâmica de podar as plantas e depositar sobre a terra seus materiais orgânicos auxilia na fertilidade do terreno.

Vínculo com os clientes

Em casa, as funções de cada membro da família são bem planejadas. Rômulo se dedica a manejar as agroflorestas, fazer colheita e cuidar da comercialização dos alimentos para o atacado (feirantes e intermediários) e para os programas do governo que abastecem escolas e demais instalações, além de ministrar cursos e consultorias em agrofloresta. Sofia se ocupa da gestão e comercialização das vendas diretas (feira e delivery), dos cuidados da filha caçula, do mestrado e dos trabalhos de assessoria em projetos de agroecologia. José toca os plantios das hortaliças e também faz colheitas. Já as crianças, eventualmente, contribuem na hora de embalar e separar os alimentos, colher frutas e lavar a louça.

Por falar nos pequenos, a agroecóloga os classifica como “verdadeiras lagartinhas devoradoras de saladas e frutas diversas” e, mais que isso, os considera muito habilidosos na cozinha. “Eles gostam de experimentar receitas e preparar a comida de acordo com o paladar deles. Claro que, como a maioria das crianças, tiveram fases, principalmente quando menores, em que não estavam muito dispostas à diversidade, ficavam mais seletivas”, recorda. No que tange à capacidade produtiva da chácara, a dupla enfatiza que, hoje, o maior desafio é a limitação do tamanho da terra, que possui dois hectares.

O vínculo direto com os clientes se dá na Feira da QI 13, do Lago Sul, aos sábados, e por meio das entregas feitas em domicílio. Esse contato tem sido fundamental na sustentação do trabalho, visto que, segundo o casal, é importante que os consumidores saibam o valor de estarem financiando um sistema de cultivo responsável por criar um legado de serviços ambientais, para além da qualidade do alimento pela qual prezam muito. Ademais, buscam manter uma comunicação direta que apresenta a história por trás das verduras, aproximando o universo da agricultura familiar da cidade.

O sítio vende, também, para o governo, fornecendo ingredientes para as refeições das escolas públicas. “É a partir do fortalecimento da agricultura familiar que vamos resolver a fome no Brasil e é este o setor estratégico, junto aos povos originários, com o maior potencial de mudar o cenário das emissões de carbono e tirar o Brasil do ranking dos cinco países que mais contribuem para o aquecimento global”, finaliza Sofia.

***Estagiária sob a supervisão de Sibe Negromonte**

Aquecimento global

Para quem ainda acredita que os opostos se atraem, Sofia Carvalho, 29 anos, e Rômulo Araújo, 37, são ótimos exemplos do contrário. Ideais em comum, áreas de formação semelhantes e o mesmo professor como referência para a vida profissional foram apenas alguns dos pontos compatíveis que os uniram. Do trabalho com agrofloresta, no qual o casal se conheceu, nasceu a vontade dele, já agricultor experiente, de criar o Sítio Raiz (@sitio.raiz) há dez anos. O objetivo era atrelar os princípios da agroecologia à horticultura, visto que o mercado de hortaliças é muito forte no DF.

De lá para cá, a atividade se expandiu e a dupla passou a produzir alimentos diversificados, em vista da melhora do solo. A família também aumentou e, hoje, a chácara é lar dos filhos Rudá, 16, Isis, 12, e Maria, 4, além do agricultor e funcionário José Nascimento, sua esposa, Alceane,